

Clipping: Jornal O Estado de Minas - data: 12/05/2019

Comunicar é governar

Adriana Machado
Professora de Arte e História

Como bem disse Menckel: "num todo problema complexo, existe sempre uma solução simples, elegante e completamente errada". Governar é um problema complexo. Governar em uma democracia ainda mais. Governar democraticamente um estado em profunda crise financeira, bem, acho que o argumento está claro.

É muito tentador tentar atribuir um único fator a eleição desse ou daquele governante. Mais ainda a um único ambiente como o digital. As redes sociais são um elemento indiscutivelmente importante na nova dinâmica social e política, mas elas não acontecem à parte da sociedade e nem a substituem ou regem. Elas acrescentam uma camada a mais ao já complexo cenário de uma sociedade contemporânea.

Comunicar, como o próprio nome sugere, é tornar comum um significado. Compartilhar uma visão um caminho um propósito. Assim, o ato de comunicar, para uma instância de governo, se confundem com o próprio ato de governar. Comunicação é a criação de um bôis e um de seus integrantes. E entre o arsenal de possibilidades que uma gestão tem para se comunicar com todos os seus cidadãos, está a publicidade institucional.

Por meio do uso ético da publicidade institucional, uma administração pode não só prestar

conta de suas ações aos cidadãos, mas também acrescentar a lógica de suas decisões e atos de forma direta e persuasiva, inclusive em veículos de comunicação que tenham linha editorial crítica à sua gestão.

Governantes e representantes eleitos podem, e naturalmente o fazem, usar as suas redes sociais para dialogar diretamente com a população. Entretanto, é da natureza dos algoritmos das redes sociais dirigir a exposição de esses mensagens a pessoas já abertas a elas. Ou seja, uma postagem é exibida para um número limitado de seguidores de um perfil e, mesmo assim, preferencialmente para aqueles que já registram de publicações desse mesmo perfil. É o fenômeno já conhecido e descrito das bolhas de informação da internet. Sugerir tais bolhas requer investimento em plataformas

ou seja, requer investimento em publicidade.

E, aqui, entra um outro aspecto da boa governança pouco falado por quem defende o uso exclusivo de tais ferramentas na comunicação pública: embora se comportem como veículos, os gigantes internacionais das redes sociais se autointitulam "plataformas" e, assim, escapam das regulamentações observadas pelos veículos de mídia em todo o mundo.

Esse comportamento tem sido alvo de escrutínio em diversas instâncias, legais e legislativas ao redor do planeta, em especial na União Europeia e nos Estados Unidos. O diagnóstico de que tais plataformas não têm se comportado de forma transparente e ética está consolidado, tendo

o próprio fundador do Facebook assinado um anúncio veiculado em diversos jornais impressos americanos e ingleses por ocasião do escândalo envolvendo sua empresa e a Cambridge Analytica acerca do compartilhamento de dados dos usuários com terceiros sem o conhecimento ou autorização dos mesmos.

Diferentemente também das mídias clássicas, tais plataformas não permitem auditoria de sua entrega publicitária por setores, o que em geral incutiria para grandes anunciantes globais.

Por fim, no auge da popularidade das plataformas digitais tem proliferado o fenômeno de agenciamento por publicidade digital, os dois maiores players são empregam os profissionais que trabalham na aplicação e redação das notícias, não remuneram o capital dos empresários dos meios de comunicação e não recebem impostos nos vários estados e países são impactados por eles.

O uso da publicidade institucional por governos e instituições públicas pode e deve ser discutido criticado e acompanhado por todos os segmentos da sociedade. Transparência e conformidade são leis e normas do país, estados e municípios são fundamentais e precisam ser levadas às últimas consequências. Mas acreditar que toda a comunicação governamental pode ser feita em um único ambiente, em especial um com tantos aspectos a serem considerados, não é apenas ingenuidade é má governança. É uma solução simples e errada para um problema muito complexo.